



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

KEYLLA CRISTINNI SILVA VIEIRA

A MELANCOLIA É SECA PELA TERRA E FRIA PELA ÁGUA:
Os discursos sobre a *melancolia* nos escritos filosóficos de Ramon
Llull (1232-1316)

São Cristóvão

2022



KEYLLA CRISTINNI SILVA VIEIRA

A MELANCOLIA É SECA PELA TERRA E FRIA PELA ÁGUA:
Os discursos sobre a *melancolia* nos escritos filosóficos de Ramon
Llull (1232-1316)

Artigo Científico apresentado ao curso de História da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof^a Dr^a Marcos Silva

São Cristóvão

2022

**A MELANCOLIA É SECA PELA TERRA E FRIA PELA ÁGUA:
Os discursos sobre a *melancolia* nos escritos filosóficos de Ramon Llull (1232-1316)¹**

Keylla Cristinni Silva Vieira²

RESUMO

O trabalho tem como base compreender o que é a chamada melancolia durante o período medieval através dos discursos do filósofo catalão Ramon Llull. No entanto para que isso aconteça é proeminente entendermos o contexto em que o filósofo estava inserido, e o que estava ocorrendo naquele período no Reino de Maiorca. Ademais, é necessário voltar um pouco na história para analisarmos a chamada teoria dos quatro humores que está presente nos escritos de Llull, e que surgiu na Antiguidade. Contudo, buscaremos ainda analisar a melancolia partindo da visão de uma instituição com grande poder durante a Idade Média, ou seja, a Igreja. Além disso, procuraremos entender a ligação do ser melancólico para com o planeta saturno. Todavia, utilizaremos obras de diversos estudiosos, desde a antiguidade até os mais hodiernos, para que possamos entender por diferentes análises o tema da presente pesquisa, além de utilizarmos destes recursos para concluirmos a familiaridade da melancolia para com a depressão, já que as duas estão intimamente ligadas.

Palavras-chaves: Melancolia; Ramon Llull; Bile Negra; Medievalo.

INTRODUÇÃO

Na *Antiguidade Clássica*, os estudos do filósofo grego Hipócrates (460 - 377 a.C.), considerado o pai da medicina, relacionava a vida com a “Teoria dos quatro humores”, em que era preciso encontrar o equilíbrio entre a *bile*, *fleuma*, *sangue* e a *bile negra*. Dessa forma, o desequilíbrio entre esses quatro fluídos essenciais do homem é o que acarretaria na doença mental chamada na época de *melancolia*.

Por conseguinte, no âmago desta “Teoria dos quatro humores” se encontrava precisamente a percepção de que a predominância e a posterior atuação metabólica da *bile negra* em um determinado indivíduo acabaria ocasionando a composição e proliferação da *Melancolia* em seu corpo e mente.

Para Hipócrates, os indícios metabólicos notáveis que remontariam a predominância da *bile negra* no corpo humano deveriam ser encontrados nas profundas manifestações recorrentes

¹ Trabalho apresentado a disciplina *Prática de Pesquisa*, orientado pelo Prof. Dr. Marcos Silva.

² Graduanda do curso de História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: keyllacristinni123@gmail.com

dos sentimentos do medo e da tristeza, haja vista que, “se o medo e a tristeza perseveram por muito tempo, isto indica melancolia”.³

Conforme Starobinski, a *Melancolia*, para Hipócrates, se manifestaria precisamente como a consequência mais nefasta das “múltiplas expressões do poder patogênico da bile negra, quando o seu excesso ou a sua alteração qualitativa comprometem a isonomia (isto é, o equilíbrio harmonioso) dos humores”.⁴

Seguindo o rastro das reflexões outrora efetuadas por Hipócrates (460 - 377 a.C.), o filósofo grego Aristóteles (384 – 322 a.C.) também procurou apresentar as suas percepções acerca da natureza da *Melancolia*. Igualmente para este, os homens mais inteligentes das estruturas sócio-políticas da sociedade grega – poetas, cronistas, governantes, etc - se tornavam claramente melancólicos por conta das “enfermidades provocadas pela bÍlis negra”.⁵

Prosseguindo os estudos iniciados na *Antiguidade Clássica*, o filósofo Ramon Llull (1232-1316) também procurara explicar a *Melancolia* através das fleumas do corpo humano. A *Melancolia*, conforme Llull, continuaria sendo uma consequência da atuação nefasta da *bile negra* no quadro das fleumas corporais, porém, seria relacionada igualmente ao planeta *Saturno* que, por ser considerado – astronomicamente - de natureza maligna, acabava influenciando negativamente nos processos corporais humanos. Como bem destacara Da Costa:

Na Idade Média – e, por isso, também no Renascimento – o corpo humano se encontrava no centro do universo, na intercessão do macro e do microcosmo. No *corpo animado*, em sua *forma*, estavam resumidas, concentradas e potencialmente maximizadas as mesmas características presentes em todas as coisas do mundo sublunar, mundo abaixo da Lua, mundo da transitoriedade, do nascimento e morte. A Medicina, por isso, necessitava do auxílio interpretativo de outros conhecimentos: da Astronomia, da Música – por exemplo, o compositor Bartolomé Ramos de Pareja (c. 1440-1522) defendeu que o *modo mixolídio* (atribuído ao planeta Saturno) que regia a melancolia, por ser em parte lascivo, em parte alegre, poderia ser empregado medicinalmente, já que seria capaz de, com sua melodia, ativar o humor melancólico e devolver a normalidade às pessoas tristes e letárgicas. Os médicos e os astrônomos, baseados na tradição grega, afirmavam que quatro eram as possibilidades do temperamento humano: *colérico*, *sanguíneo*, *fleumático* e *melancólico*.⁶

³ Aforismo 23 da seção VI dos aforismos de Hipócrates (460 – 377 a.C.): “Si metus et tristitia multo tempore perseverant, melancholicum hoc ipsum”. HIPÓCRATES. **Aforismos de Hipócrates en latín y castellano**. Trad. García Suelto. 7. ed. Barcelona: Editorial Pubul, 1923. Tradução nossa.

⁴ STAROBINSKI, Jean. **A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza**. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p.20.

⁵ Problema XXX: “resultan ser claramente melancólicos, y algunos hasta el punto de hallarse atrapados por las enfermedades provocadas por la bilis negra”. ARISTÓTELES. **El hombre de genio y la melancolía**. Trad. Jackie Pigeaud. Barcelona: Quaderns Crema, 1996, p.79.

⁶ DA COSTA, Ricardo. A Melancolia na filosofia de Ramon Llull (1232-1316). IN: FREITAS, Verlaine, COSTA, Rachel, FERREIRA, Debora Pazetto (orgs.). **O trágico, o sublime e a melancolia. Volume 3**. Belo Horizonte: ABRE – Associação Brasileira de Estética, 2016, p. 192-206, p.197-198.

Para a Igreja, o homem melancólico era considerado como alguém que recebera uma singular punição divina. A *Melancolia* era relacionada a um dos sete pecados capitais, a chamada *Acídia*, que era encarada como a causadora de profundas tristezas. Diante disto, para a Igreja, os monges teriam ligação direta com a *Acídia*, se levassem uma vida melancólica, já que os mesmos desejam manter-se próximos de Deus. Este sentimento de *Acídia* deixaria o homem acometido com profunda má vontade e notavelmente descontente todos os dias, mortificando o corpo, tornando os homens ruins e levando-os a morte.

Portanto, “o *homem melancólico*, por ser frio e seco (frio pela água e seco pela terra), tem uma tendência ao desânimo, ao desalento, ao desencanto. Essa era a situação social mais extrema do melancólico, tal qual entendiam os estudiosos da Idade Média”.⁷

O presente estudo objetiva analisar a questão da *Melancolia* na Idade Média, pois reparou-se uma ausência de estudos direcionados a questão corporal e mental durante o período. Nesse sentido, procura-se preencher uma lacuna existente dentro da *Medievalística* sobre as questões corporais e psicológicas que afligiam os homens daquele tempo. Ademais, buscaremos compreender alguns objetivos específicos, sendo eles: contemplar como a Igreja lidava com a melancolia durante o período medieval, além de buscar investigar a associação entre a melancolia e o corpo no mesmo período.

Desse modo, busca-se compreender os aspectos referentes a *Melancolia* e seus pressupostos corporais e psicológicos durante a Idade Média. Ademais, ampliaremos os estudos historiográficos dentro do período da Idade Média para com a área da *Psicologia*, buscando entender as *mentalidades* no dito período.

As fontes escolhidas para serem estudadas ao longo desse projeto são as obras produzidas pelo filósofo Ramon Llull, dentre elas estão as seguintes:

1. *Doutrina para crianças*;
2. *Livro das lamentações*;
3. *Os princípios da medicina*;
4. *Tratado de Astronomia*;

Na primeira obra, *Doutrina para Crianças*, o filósofo Ramon Llull apresenta uma profunda *doutrina médica* na qual, como destacara Da Costa:

Em resumo, a doutrina médica de Llull exposta na *Doutrina para crianças* é essa: o corpo é composto pelos quatro elementos (ar, fogo, terra e água). Adoece quando estes

⁷ Ibidem.

se desordenam. Esses quatro elementos proporcionam quatro compleições: colérico (fogo), sanguíneo (ar), fleumático (água) e melancólico (terra). Os temperamentos coexistem simultaneamente no homem, mas cada pessoa é inclinada mais a um do que a outro. Há dois tipos de “relações internas” que influencia o humor de alguém: quando a compleição preponderante se assenhoreia naturalmente das outras, e quando esse domínio é muito intenso – e, para equilibrá-lo, os contrários o mortificam. Por isso os médicos têm dois tipos de cura: a cura natural e cura através dos contrários dos elementos. Fazem isso com mesclas dosadas (graus) de ervas e de sementes, devidamente combinadas e de acordo com suas qualidades (venenas, unguentos, emplastos e letovaris), além de dietas, sangrias, vômitos, banhos “e muitas outras coisas.”⁸

No *Livro das lamentações*, datado de 1311, novamente o filósofo Ramon Llull descreve em algumas breves passagens sobre o que seria a Melancolia – sintomas, diagnósticos, etc - e em que contexto a mesma estaria inserida, por exemplo, na renomada “Teoria dos quatro humores”. Ao problematizar a natureza do “Movimento”, Llull ratifica que esta existe por conta das suas “quatro qualidades, porque com elas sou movente e móvel, como na chama, na água quente, no gelo, e assim por diante, constituindo quatro qualidades, por exemplo, a cólera, o sangue, a fleuma e a melancolia”.⁹

Do mesmo modo, em sua obra *Os princípios da medicina*, com datação em 1274-1286, o autor disserta acerca do diagnóstico físico do ser melancólico, em que fisicamente se o homem tem a urina branca e clara é um sinal da melancolia, as compleições referentes a melancolia são as mais desagradáveis. Conforme Llull:

A urina melancólica é branca e clara. Branca por D (frio) e clara porque a água é absorvida pela terra, que é uma vasilha seca, pois mortifica C (umidade) em água. Logo, se tu entendes isso, saberás como a terra contém a água contra C (umidade). E para que entendas inteiramente, poderás fechar a vasilha com C (umidade) e com A (calor), caso saibas discorrer teu entendimento pelos graus e pelos triângulos. Assim como o Sol ilumina o ar e forma o dia, quando B (secura) concorda com D (frio) forma a noite, que é de cor negra e espessa. Por isso, manifesta-se a urina com uma cor semelhante, que é negra e espessa, a qual negrura assim se manifesta pela multitude da matéria terrestre e aguada, e a cólera se manifesta pela multitude do resplendor do fogo. Assim, se entendes isso e desejais curar o doente, convém que multipliques a virtude de A (calor) e de C (umidade) por sua matéria sutil, para que a virtude possa entrar na grossa matéria de B (secura) e de D (frio).¹⁰

⁸ DA COSTA, Ricardo. A Melancolia na filosofia de Ramon Llull (1232-1316). IN: FREITAS, Verlaine, COSTA, Rachel, FERREIRA, Debora Pazetto (orgs.). **O trágico, o sublime e a melancolia. Volume 3**. Belo Horizonte: ABRE – Associação Brasileira de Estética, 2016, p. 192-206, p.198.

⁹ LÚLIO, Raimundo. **Escritos Antiaveroístas (1309-1311) – Do nascimento do Menino Jesus / Livro da Lamentação da Filosofia**. Tradução para o português: Brasília Bernardete Rosson, Sérgio Alcides e Ronald Polito., Vol IV. Porto Alegre: Edipucrs. 2001. p.125-130. (Coleção Pensamento Franciscano).

¹⁰ RAMON LLULL. Nova Edició de les obres de Ramon Llull. Volum V. Començaments de Medicina. Tractat d’Astronomia (a cura de Lola Badia). Palma: Patronat Ramon Llull, 2002, p. 101.

Por fim, no *Tratado de Astronomia* (1297), o filósofo Ramon Llull descreve sobre os “efeitos” dos planetas nos metabolismos dos homens, sobretudo, em relação as possíveis consequências melancólicas, ligando a melancolia ao planeta saturno.

Vale lembrar que essas são apenas algumas das inúmeras passagens fornecidas acerca da *Melancolia* e de suas profundas associações metabólicas com a “Teoria dos quatro humores” contidas nas obras do filósofo Ramon Llull que buscaremos aprofundar.

Acreditamos que a ideia de *Melancolia* na Idade Média associava-se bastante as questões corporais, por consequência da herança herdada pelos medievais dos estudiosos da *Antiguidade Clássica* que baseavam o termo *Melancolia* a partir da bile negra, por meio da teoria dos quatro fluídos essenciais do homem.

As questões temperamentais do homem estavam atribuídas, na maioria das vezes, a quatro elementos. Cada uma das compleições era ligada a um elemento natural, no caso da melancolia era a terra e saturno. Dessa forma, acredita-se que foram os estudos de filósofos como Hipócrates que inspirou os estudiosos da era medieval, a exemplo disso o filósofo Ramon Llull.

A *Melancolia* pode ser analisada também a partir das crenças religiosas, já que a Igreja tratava dos casos como um dos piores pecados utilizando do termo acídia para nomeá-lo. Na época medieval além de ser considerada um pecado, a melancolia era vista por alguns como um mito ou superstição, e não como uma doença. Ademais, para a Igreja era possível associar a melancolia também a possessões demoníacas, uma punição pelo pecado cometido.

Em nossa pesquisa, analisaremos a natureza da Melancolia na Idade Média, partindo dos pressupostos teórico-metodológicos fornecidos pela chamada *História das Mentalidades*, a fim de contemplar uma ampla gama de crenças, simbolismos e práticas sociais que orbitavam em torno dos pensamentos e práticas medicas durante o período em questão. Logo, ao adotarmos a *História das Mentalidades*, objetivamos contemplar:

Os grandes polos de atração das mentalidades – atitudes diante da vida e da morte – dependem de motivações mais secretas. Mais imbricados no limite entre o biológico e o cultural, isto é, do inconsciente coletivo anima forças psicológicas elementares, que são a consciência de si mesmo, o desejo de superar-se ou, ao contrário, o sentido do destino coletivo, da sociabilidade, etc.¹¹

Nesse sentido, procuraremos nos utilizar das abordagens oferecidas por historiadores como Jacques Le Goff, Jean Delumeau, Georges Duby, Emmanuel Le Roy Ladurie, Philippe

¹¹ ARIES apud VOVELLE, M. **Ideologias e Mentalidades: um esclarecimento necessário**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.108.

Ariés, Michel Vovelle, dentre outros, que discutiram profundamente sobre as questões simbólicas e práticas que concernem ao quadro das *mentalidades* na Idade Média.

A adoção deste quadro nos permitirá efetuar uma espécie de *Psicoistória* em torno das questões medicas medievais, observando então como os discursos acerca da Melancolia se desenvolviam no limiar entre os conhecimentos médicos disponíveis e as abrangentes crenças e simbolismos – questões astronômicas, noção de pecado, etc – que notabilizavam a Idade Média, pois, “esse campo mostra-se definido ou atravessado por preocupações oriundas da Psicologia e por conceitos de diversos tipos, desenvolvidos no interior desse campo do saber”.¹²

CONTEXTO HISTÓRICO

O filósofo e escritor Raimundo Lúlio ou Ramon Llull, como é mais conhecido, nasceu por volta de 1232 na ilha de Maiorca, localizada na Península Ibérica, e faleceu em 1316 aos 84 anos. O local de seu nascimento foi fundamental para o modo como Llull iria futuramente escrever suas obras, pois Maiorca era na época uma encruzilhada de três culturas diferentes: cristã, islâmica e judaica¹³. É proeminente ressaltar que Ramon Llull passou boa parte da sua vida na ilha de Maiorca, até mais ou menos seus 43 anos. Desse modo, os acontecimentos da época naquela localidade acabaram influenciando na sua formação intelectual, assim como no seu ideal político.

É proeminente compreender o que acontecia nas terras por onde Llull iria viver. Sendo assim, é importante saber que a ilha de Maiorca havia sido tomada dos mulçumanos por Jaime I, pouco tempo antes do nascimento de Ramon Llull e que, durante a sua infância, estava ocorrendo a expansão de Aragão. Porém, essa expansão de Aragão passa a ser realizada através dos mares mediterrâneos, pois a coroa de Aragão não pôde se expandir mais por terra já que França e Castela, que eram seus vizinhos, passavam por um auge demográfico¹⁴.

Ramon Llull resolveu se converter ao cristianismo por volta dos seus 30 anos, e com isso traçou três objetivos: entregar sua vida totalmente a Jesus, fazer bons livros e construir colégios¹⁵. Desse modo, devido ao seu relacionamento com príncipe Jaime II de Maiorca, do qual ele chegou a fazer parte da corte, Ramon pediu para que o mesmo autorizasse a criação de

¹² D'ASSUNÇÃO BARROS, José. Os Modos de sentir o mundo: a história das mentalidades e sua relação com o inconsciente coletivo. **Revista Expedições: Teoria & Historiografia** | V. 6, N.2, Agosto -Dezembro de 2015, p.123.

¹³ (MATEUS, 2018)

¹⁴ (COSTA, 2001, P. 164)

¹⁵ (MATHEUS, 2018)

um monastério, que seria nomeado Miramar, com o intuito de converter os infiéis para a vida cristã.

Outro fator importante para compreender o período em que Ramon Llull estava inserido, foi a guerra que surgiu após a morte de Jaime I. Essa guerra visava as terras deixadas pelo falecido rei e foi realizada pelos dois herdeiros de Jaime I: Jaime II de Maiorca e Pedro III de Aragão. Ademais, esta guerra afetou diretamente a existência de Miramar e a vida de Ramon¹⁶. Sendo assim, após Pedro III de Aragão executar um tratado (tratado de Perpignan), em que obrigava seu irmão Jaime II, pela força das armas, a reconhecer a administração de Maiorca na condição de vassalo, Llull abandonou a ilha e só retornou vinte anos depois quando Jaime II foi restituído como rei, demonstrando assim sua posição política¹⁷. Contudo, Pedro III de Aragão morre, e seu filho Jaime II de Aragão assume seu lugar no trono, nesse momento, Ramon Llull demonstra uma aproximação para com esse rei, mesmo que o seu amigo Jaime II de Maiorca ainda estivesse na condição de Vassalo. Uma possível explicação para essa decisão de Llull de se aproximar de Jaime II de Aragão, é que o mesmo queria tentar manter vivo o mosteiro de Miramar¹⁸.

Contudo, vale ressaltar que mesmo com toda a aproximação de Llull para com os príncipes de Aragão e Maiorca, não há provas de que ele tenha se envolvido diretamente neste conflito. Além disso, é imprescindível compreender que todos esses conflitos ocorridos nos locais que Ramon Llull habitava foi de fundamental importância para ampliar sua visão intelectual, política e social, afim de agregar positivamente seus escritos, sejam eles feito em catalão, árabe ou latim. É notório que o filósofo Ramon Llull possuía uma visão ampla e de grande relevância sobre os problemas políticos de seu tempo, e isso pode ser visualizado nas suas famosas obras.

Outro ponto de grande relevância para o famoso filósofo era o contexto religioso e cultural em que o mesmo estava inserido, já que a Ilha de Maiorca abrigava indivíduos de três vertentes diferentes: mulçumanos, judeus e cristãos. No entanto, é preciso lembrar que a comunidade cristã obtinha mais direitos que as outras duas. Dessa forma, buscaremos entender o que foi esse caráter inter-religioso em que Llull se encontrava, incluindo os acontecimentos

¹⁶ (COSTA, 2021, P. 166)

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Ibidem, p. 169-170

do período como a Reconquista Cristã, e as Cruzadas¹⁹. Vejamos o que foi a chamada Reconquista Cristã:

Fenômeno que sincretizou, na Península Ibérica, a religião católica à guerra, tratando-se de um fenômeno combativo-colonizador que mobilizou boa parte da sociedade cristã ibérica, não sem auxílio dos franceses, ingleses e alemães, para a recuperação das terras hoje portuguesas e espanholas, desde o ano de 711 até 1492.²⁰

Apesar de Raimundo Lúlio ser um cristão fiel, ele buscava unir a fé com a razão, para assim conseguir comprovar seus argumentos para todos. Para Ramon Llull era de grande importância para a região maiorquina que as pessoas de diferentes religiões convivessem de forma saudável, mantendo o respeito pelas escolhas do outro, assim como buscando conhecer suas crenças para entendê-los melhor. A defesa de Llull para com o diálogo inter-religioso, que deve conter a liberdade religiosa e a livre expressão de pensamentos contraditórios entre si, já ocorria desde o século XIII.²¹ Ainda sobre o diálogo inter-religioso, vejamos:

O diálogo inter-religioso deve ser amparado pela liberdade das consciências em todos os aspectos por ele tratado; o conhecimento sobre a religião que a compõe a outra parte do processo dialógico é outro elemento fundamental ²².

Além do caráter inter-religioso, surge na época de Ramon Llull um momento de grande relevância para a cultura literária Catalã, pois com os escritos de Llull, essa literatura entra no seu auge, assim como, a crônica histórica²³ passa a ser reconhecida. Ademais, a língua catalã torna-se uma espécie de língua “internacional” do comércio mediterrâneo²⁴. É imprescindível ressaltar que Ramon estava no meio de três culturas distintas, já que em Maiorca conviviam indivíduos de três religiões, cada uma com seus próprios princípios.

MELANCOLIA

¹⁹ Expedições militares organizadas por católicos da Europa Ocidental, com o intuito de reconquistar lugares sagrados para o mundo cristão. Além disso, foram também uma luta de cristãos contra muçumanos.

²⁰ (PINHEIRO, 2020, p. 113-114).

²¹ (MOREIRA, 2019, p. 54).

²² Ibidem.

²³ Na Idade Média, as crônicas ganharam um status de História, os cronistas, todavia, buscavam registrar os acontecimentos sem a preocupação de investigar as causas ou estabelecer uma análise crítica dos mesmos (REIS; RIBEIRO, 2017)

²⁴ (COSTA, 2001, p. 164)

O termo melancolia tem origem no grego, em que os termos *melan* significa negro e *cholis* significa bÍlis, sendo assim, *melancholia* pode ser traduzido e entendido como bile negra. Ela é classificada por Hipócrates a partir de um conjunto de sintomas: aversão à comida, falta de ânimo, insônia, irritabilidade e inquietação²⁵. Ademais, a principal característica do ser melancólico é o estado de profunda tristeza.

Estudiosos de diversas áreas buscaram compreender a melancolia, desde o romantismo até a psiquiatria. Desse modo, voltaremos nossa pesquisa para o olhar dos filósofos e estudiosos da Idade Média, dando ênfase às explicações trazidas pelo filósofo catalão Ramon Llull. No entanto, para entendermos melhor o que esse estado melancólico significa partiremos da teoria defendida pelo médico grego Hipócrates, que já no século V a.C., procurou explicar a melancolia através da bile negra.

Durante a Idade Média, Ramon Llull seguiu os estudos dos seus antecessores Hipócrates e Aristóteles e buscou compreender o ser melancólico também através da teoria que havia sido defendida desde a antiguidade, ou seja, a teoria dos quatro humores. Porém, o mesmo ainda procurou entender a ligação entre a melancolia e o planeta saturno. Além disso, com o grande aumento do poder da Igreja católica na época medieval, a melancolia pôde ser justificada também pelo olhar da Igreja que a classificava como um pecado. Destarte, Solomon (2002) diz que o cristianismo foi especialmente ruim para os melancólicos, pois a melancolia significaria um afastamento de Deus.

Contudo, a melancolia podia ser classificada por diferentes pontos de vista, e isso acabou ocasionando conflitos entre os ideais defendidos pela medicina e os defendidos pela doutrina religiosa. Enquanto alguns filósofos colocavam a existência da melancolia nas mãos da grande quantidade de bile negra presente no ser, a Igreja dizia que a mesma era um pecado e a considerava uma doença da alma.

Atualmente, a melancolia é caracterizada como um transtorno de humor, e se assemelha ao que chamamos de depressão, sendo diferenciada apenas pela presença da angústia no caso da segunda. No entanto, o termo melancolia não é mais utilizado com frequência. Chauí-Berlinck, argumenta:

quando a psiquiatria contemporânea deixa de empregar o vocábulo melancolia e passa à palavra depressão, seu horizonte teórico visa marcar a ruptura com a tradição médica (a antiga medicina dos temperamentos, dos humores e dos vapores), recusar a perspectiva aristotélica (tendendo a conservar a condenação medieval, ainda que por motivos completamente diferentes e sem a referência religiosa) e oferecer uma

²⁵ (CORDÁS, 2002, p. 20)

etiologia em que a depressão é definida como desordem mental ou afetiva de tipo neuroquímico cuja terapia deve ser de tipo psicofarmacológico²⁶.

Hodiernamente, alguns fatores que levam o ser ao estado melancólico estão ligados ao ego, ao narcisismo, a busca pela perfeição e para ser “aceito” na sociedade. Além disso, o medo constante e a incerteza para com o presente e o futuro fazem o ser humano entrar num estado de melancolia. Sobre isso, Chauí-Berlinck diz:

E o sentimento de não corresponder a essa imagem engrandecida e perfeita de si, o sentimento da distância entre a onipotência e a falta, o sentimento inconsciente de uma perda irremediável e o impulso canibalista contra o outro que parece concretizar essas imagens, tudo isso não é senão o efeito necessário do narcisismo, isto é, a melancolia ou a depressão²⁷.

Entretanto, pode-se diferenciar os dois termos acima citados no sentido que, enquanto a depressão pode afetar o desempenho, o raciocínio e a concentração do ser. A melancolia não demonstra interferir nesses sentidos, com exceção do desempenho, que a depender do contexto inserido pode ser afetado pela doença. Além disso, depressão é um termo descoberto recentemente se comparado ao termo melancolia.

TEORIA DOS QUATRO HUMORES

A chamada Teoria humoral ou Teoria dos quatro humores surgiu através do considerado “pai da medicina”, Hipócrates (460-370 a.c.). Essa teoria defendia que o corpo humano é composto por quatro substâncias, ou seja, quatro humores. Entretanto, essas substâncias devem estar em perfeito equilíbrio entre si, pois quando ocorre o desequilíbrio das mesmas surgem as doenças tanto do corpo, quanto do espírito.

Nos voltaremos nessa pesquisa para o equilíbrio das seguintes substâncias: bile negra, bile amarela, sangue e fleuma. Já que segundo os estudos de Hipócrates, o desequilíbrio dessas e a predominância da bile negra acarretaria na doença que chamamos de melancolia. Todavia, para Hipócrates a predominância da bile negra seria encontrada nas profundas manifestações dos sentimentos de medo e tristeza, visto que, segundo o mesmo, “se o medo e a tristeza

²⁶ (CHAUÍ-BERLINCK, 2008)

²⁷ Ibidem.

perseveraram por muito tempo, isto indica melancolia”.²⁸ Ademais, o filósofo ainda diz que cada uma das substâncias acima citadas estaria relacionada a um elemento do universo e uma qualidade atmosférica. No caso da bile negra, ela teria relação com a terra, com propriedades de secura e frio.²⁹

Seguindo os estudos de Hipócrates, o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.) também defendia a teoria dos quatro humores, relacionando a melancolia a predominância da presença de bile negra no ser. O mesmo acreditava que os homens mais inteligentes das estruturas sócio-políticas da sociedade grega – poetas, cronistas, governantes, etc - se tornavam claramente melancólicos por conta das “enfermidades provocadas pela bilis negra”.³⁰ Além disso, seguindo esse mesmo pensamento de Aristóteles, Solomon diz que todos os que atingiram a excelência na filosofia, na arte e na política, mesmo Sócrates e Platão, tinham características físicas de um melancólico, na verdade, alguns até sofriam da doença melancolia³¹.

O filósofo Ramon Llull, já durante a Idade Média, buscou prosseguir os estudos iniciados durante a Antiguidade Clássica, explicando a melancolia a partir dos quatro humores do corpo humano. Conforme Llull, a melancolia também era uma consequência da grande presença da bile negra nas fleumas corporais, no entanto, o mesmo ainda buscou relacionar a doença ao planeta saturno, mas falaremos disso mais para frente. Contudo, Ramon Llull em sua obra Doutrina para crianças disserta uma doutrina médica na qual:

As compleições são quatro: cólera, sangue, fleuma e melancolia. A cólera é do fogo, o sangue do ar, a fleuma da água e a melancolia da terra. A cólera é quente pelo fogo e seca pela terra. O sangue é úmido pelo ar e quente pelo fogo. A fleuma é fria pela água e úmida pelo ar. A melancolia é seca pela terra e fria pela água. Assim, quando essas compleições são desordenadas, os médicos trabalham para ordená-las, pois o homem fica doente por causa do desordenamento delas.³²

²⁸ Aforismo 23 da seção VI dos aforismos de Hipócrates (460 – 377 a.C.): “Si metus et tristitia multo tempore perseverant, melancholicum hoc ipsum”. HIPÓCRATES. **Aforismos de Hipócrates em latín y castellano**. Trad. García Suelto. 7. ed. Barcelona: Editorial Pubul, 1923. Tradução nossa.

²⁹A teoria humoral de Hipócrates. **A mente é maravilhosa**, 2020. Disponível em: < <https://amenteemaravilhosa.com.br/teoria-humoral-de-hipocrates/> >. Acesso em: 24 de março de 2022.

³⁰ Problema XXX: “resultan ser claramente melancólicos, y algunos hasta el punto de hallarse atrapados por las enfermedades provocadas por la bilis negra”. ARISTÓTELES. **El hombre de genio y la melancolía**. Trad. Jackie Pigeaud. Barcelona: Quaderns Crema, 1996, p.79

³¹ (SOLOMON, 2002).

³² RAMON LLULL. Doutrina para crianças (c. 1274-1276) (trad.: Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III [Felipe Dias de Souza, Revson Ost e Tatyana Nunes Lemos]). Alicante: e-Editorial IVITRA, 2010, p. 63.

Portanto, “o *homem melancólico*, por ser frio e seco (frio pela água e seco pela terra), tem uma tendência ao desânimo, ao desalento, ao desencanto. Essa era a situação social mais extrema do melancólico, tal qual entendiam os estudiosos da Idade Média”³³

A MELANCOLIA E O PLANETA SATURNO

O filósofo Ramon Llull (1232-1316) justificava a melancolia também como uma consequência da bile negra, seguindo os estudos de seus antecessores da Antiguidade Clássica e buscando compreender a teoria dos quatro humores. Entretanto, Llull relacionou igualmente a melancolia ao planeta Saturno, que era considerado astronomicamente de natureza maligna. Dessa forma, saturno influenciaria os processos corporais de forma negativa. Para explicitar seus estudos em torno dessa influencia, o Ramon Llull, descreveu em sua obra *Tratado de Astronomia* (1297), os efeitos que os planetas causariam nos metabolismos dos homens. Da Costa destacara que:

Saturno é maldoso porque é da compleição da terra, que é de má compleição se comparada à compleição do ar que, por sua vez, é de boa compleição graças ao sangue, fonte da vida, enquanto a melancolia é fonte da morte. Os homens que nascem em sua constelação são melancólicos e graves por causa do peso que recebem da terra e da água, que são naturalmente pesadas. Em contrapartida, por causa da natureza da gravidade, são constantes e firmes em seus apetites e propósitos, e naturalmente olham para a terra. Têm boa memória porque a água é adstringente, cobiçosa e receptiva. Amam as espécies fantásticas e matemáticas. A terra é o sujeito espesso que proporciona a impressão das espécies memorizadas. Por isso, os homens melancólicos são predispostos a adquirir elevadas ciências, por causa da capacidade de multiplicar muitas espécies. Os homens melancólicos são, ainda, naturalmente suspeitosos e preveem antecipadamente as coisas graças à sua imaginação, que concorda e é mais harmônica com a melancolia do que qualquer outra compleição. E a razão pela qual a melancolia concorda mais com a imaginação é porque a imaginação considera desmesuras, figuras feias e cores que podem ser melhor impressas na água e na terra pois têm matéria mais espessa que o fogo e o ar³⁴.

O filósofo Marsílio Ficino também procurou entender e estabelecer uma relação entre saturno e a melancolia. O mesmo acreditava que as causas da melancolia seriam três: a primeira seria celeste, a segunda natural e a terceira humana. A celeste era a que estaria ligada ao ser melancólico e aos planetas saturno e mercúrio. Contudo, seria a harmonia entres os dois planetas que ajudariam nos estudos já que Mercúrio nos convidaria para investigar as doutrinas,

³³ DA COSTA, Ricardo. A Melancolia na filosofia de Ramon Llull (1232-1316). IN: FREITAS, Verlaïne, COSTA, Rachel, FERREIRA, Debora Pazetto (orgs.). *O trágico, o sublime e a melancolia. Volume 3*. Belo Horizonte: ABRE – Associação Brasileira de Estética, 2016, p. 192-206, p.197-198.

³⁴ (COSTA, 2016)

e Saturno, nos faria ser perseverantes para seguir com a investigação, segundo os astrónomos estes dois planetas seriam de certa forma frios e secos, assim como acreditavam ser a natureza da melancolia.

A melancolia então não seria vista na Idade Média somente como um desequilíbrio dos humores corporais, mas através das influências dos planetas, neste caso através de saturno. Os povos antigos acreditavam que os planetas interferiam no temperamento do ser, e aqueles que nascessem em um dia com maior predominância da melancolia produziria mais bile negra que ao se espalhar pelo corpo tornaria o ser melancólico. Ademais, segundo Delumeau a melancolia era característica daqueles nascidos sob a lua cheia³⁵. Desse modo, pode-se dizer que a bile negra seria o fluído saturnino, como dissera Kristeva, saturno, planeta do espírito e do pensamento, era o responsável por governar o humor melancólico, bile negra.³⁶

A MELANCOLIA COMO ACÍDIA

Na Idade Média a melancolia era analisada também através da visão religiosa, já que a Igreja possuía uma grande e poderosa influência sob a população. Desse modo, falaremos um pouco sobre o que essas crenças acreditavam em torno do ser melancólico. Assim, diz Solomon:

A melancolia foi posta uma imagem de distanciamento da fé e das graças divinas, uma imagem pecaminosa, de acídia, que a transformou num infortúnio provindo de forças malignas. Com isso, não somente a melancolia, como qualquer perda da razão, passou a ser vista como um pecado, já que sua presença era sinal de punição ou ausência de Deus: a loucura era um pecado; a doença mental era um pecado ainda mais sério³⁷.

Durante o período aqui supracitado as ideias médicas entraram em conflitos com as religiosas, já que a medicina acreditava na teoria dos humores e a religião considerava a doença como um pecado, uma punição divina. Logo, no auge do catolicismo o ser melancólico passou a ser visto como alguém afastado de Deus que passava por uma doença da alma. Dessa forma, para a Igreja a melancolia seria nomeada de acídia, um dos sete pecados capitais da época medieval. Segundo, Lourenço:

“No seio do mundo cristão, o fenômeno da melancolia só podia ser entendido como um misterioso e incompreensível ‘abandono’ de Deus — a perda do gosto da vida e a

³⁵ (DELUMEAU, 1989)

³⁶ (KRISTEVA, 1989)

³⁷ (SOLOMON, 2002)

perda do gosto de Deus (acédia) confundem-se —, ou como castigo de uma falta, em suma, como um pecado.³⁸

No entanto, surge na Idade Média, o termo acídia ou acédia (do grego akedia, indiferença), palavra que hoje tem o sentido de abatimento do corpo e do espírito, enfraquecimento da vontade, inércia, tibieza, moleza, frouxidão, ou ainda melancolia profunda.³⁹ Assim sendo, podemos considerar que o pecado capital antes nomeado de acídia, hoje seria o que a Igreja coloca como o pecado capital da preguiça.

Contudo, durante o período medieval alguns além de considerar a melancolia como um pecado, a consideravam como um mito ou uma superstição, porém a mesma não era entendida por eles como uma doença. Além disso, a Igreja ainda a descrevia como uma possessão demoníaca, sendo essa uma forma de punição divina pelo pecado cometido. Destarte, a doença é justificada através de fundamentações religiosas, místicas e supersticiosas que a tornavam uma obra demoníaca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi desenvolvido no intuito de analisar a natureza da melancolia durante a Idade Média, principalmente, através dos discursos do filósofo catalão Raimundo Lúlio, presentes em algumas de suas obras, como podemos visualizar na obra *Doutrina para crianças* em que Llull relata uma doutrina médica profunda a respeito da chamada melancolia. Ademais, do mesmo modo o autor disserta em algumas outras obras a respeito dos diagnósticos físicos presentes no ser melancólico, por exemplo, na obra *Os princípios da medicina* em que é possível encontrarmos passagens sobre os sintomas físicos da melancolia. Da mesma forma, no chamado *Livro das lamentações* o filósofo relata sobre essa temática. Contudo, Ramon Llull ainda busca compreender a melancolia através da astronomia, procurando entender a relação do planeta saturno para com o ser melancólico, podemos visualizar isso na obra em que o mesmo intitulou como *Tratado de astronomia*.

O filósofo seguiu os estudos iniciados na Antiguidade e procurou entender a melancolia partindo do pressuposto da Teoria humoral, compreendendo a influência que a bile negra exerce no cotidiano do ser. Durante a nossa pesquisa pudemos perceber que a presença elevada da bile negra é o que causaria a melancolia, segundo os estudiosos por nós analisados. Além disso, foi

³⁸ (LOURENÇO, 1999)

³⁹ (SCLIAR, 2003)

possível entender que alguns elementos naturais estariam ligados a melancolia, pelo menos era isso que filósofos como Ramon Llull acreditavam, sendo esses elementos, principalmente, a terra e saturno. Dessa forma, podemos dizer que a melancolia é seca pela terra, assim como é fria pela água.

Outro ponto de fundamental relevância em que analisamos foi a visão religiosa para com o ser melancólico, em que pudemos concluir que para a Igreja na época medieval, a melancolia seria um dos seus grandes pecados, em que foi nomeado de acídia. Para os religiosos se a pessoa era devota e fiel a Deus não haveriam motivos para tristeza profunda e por isso que os que sofressem desse mal seriam considerados pecadores. Ademais, ainda ligavam a melancolia a superstições e alguns chegavam a afirmar que o ser melancólico estaria passando por uma possessão demoníaca, sendo essa uma forma de punição divina pelo pecado cometido, ou seja, pela acídia.

A melancolia na Idade Média não era considerada como uma doença, esse fato só veio a mudar anos depois, quando a mesma passou a aparecer nos dicionários médicos, e assim passaram a buscar tratamentos para o ser melancólico. Sendo assim, nos dias atuais a melancolia que conhecemos é diferente da melancolia relatada pelos filósofos da época medieval, pois com os anos a medicina foi se aprofundando e buscando soluções para estes casos.

Hodiernamente não encontramos com frequência alguém falando a palavra melancolia, pelo menos não no sentido em que se insere essa pesquisa. Contudo, a melancolia hoje é caracterizada como um transtorno de humor, e assemelha-se a - tão conhecida por nós - depressão. No entanto podemos e precisamos distingui-las, já que na depressão é possível encontrar a forte presença da angustia, coisa que não acontece na melancolia. Alguns autores associam à depressão a melancolia, enquanto outros defendem a necessidade de uma distinção entre estas patologias.⁴⁰ Sendo assim, segundo Lambotte:

A melancolia é uma patologia narcísica diferente da depressão. A falta de interesse pelo mundo exterior representa um dos sintomas principais tanto da depressão quanto da melancolia. No entanto, na depressão, o sujeito se desinteressa do mundo externo em função de um acontecimento real, traumático, como o luto, dificuldades profissionais, separações, etc. O desinteresse pelo mundo externo é necessário para a elaboração do acontecimento traumático. Representa um investimento de energia na tentativa de elaboração, de resolução de uma situação traumática, difícil. Além disso, a depressão não está relacionada a uma falha narcísica.⁴¹

⁴⁰ (Moreira, 2002; Kehl, 2009 e Lambotte, 2007)

⁴¹ (Lambotte, 2007)

Alguns autores fazem uma ligação da melancolia com o ego e o superego, dessa forma a melancolia estaria ligada a busca pela perfeição em si mesmo e as tentativas de se encaixar em um padrão imposto pela sociedade hodierna. O sentimento de incapacidade para com esses padrões acaba gerando no ser humano um vazio, o sentimento de uma perda inexistente, ou melhor, uma perda imaginária da sua própria vida, por isso é comum encontrarmos a melancolia relacionada ao narcisismo.

A depressão e a melancolia são sintomas de tristeza muito parecidos, mas devem ser analisados com extremo cuidado para que se aplique o tratamento adequado em cada caso, pois enquanto a depressão só se torna uma patologia quando a tristeza interfere em todas as áreas da vida do sujeito, a melancolia é em si um estado patológico, já que o ocorre é uma perda imaginária de si mesmo.⁴² Contudo, nos dias atuais os pesquisadores da área da psicanálise têm o que podemos chamar de *Depressão melancólica*. Essa depressão melancólica é uma outra forma de transtorno depressivo e se apresenta com características melancólicas, desse modo, a presença dos aspectos da melancolia tornam esse tipo de depressão diferente dos demais, e é necessário um tratamento específico por parte dos profissionais, já que não pode tratar o paciente só como melancólico, e nem somente como depressivo. Algumas características dessa depressão melancólica são:

Transtorno depressivo com características melancólicas: durante um episódio depressivo maior ocorrem quatro dos seguintes sintomas, dentre os quais necessariamente estarão presentes a ou b, como segue: a) perda do prazer por quase todas as atividades, b) ausência de reatividade aos estímulos agradáveis, c) relato de uma qualidade distinta do humor depressivo, d) humor deprimido sendo mais intenso pela manhã, e) despertar na madrugada (insônia tardia), f) retardo psicomotor ou agitação psicomotora, g) perda significativa do apetite e do peso corporal, h) culpa excessiva.⁴³

Podemos perceber durante os nossos estudos que a melancolia aparece desde a Antiguidade até os dias atuais, como tema de pesquisas médicas e filosóficas, mesmo que assumindo diferentes nomes com o passar do tempo. Além disso, outro fator notório é a influência que a mesma exerce para os poetas e artistas, sendo uma fonte de inspiração. Porém, na atualidade além de encontrarmos muitas pesquisas em torno dos seres melancólicos, achamos também muitas análises em torno dos seres depressivos já que esta patologia é considerada o mal do século e vem se mostrando a doença mais letal dos últimos tempos, principalmente entre jovens e adolescentes.

⁴² (Psicanálise clínica, 2021)

⁴³ (SciELO Brasil, 2007)

Tratando da temática da depressão é importante ressaltarmos que é cada vez mais notória a presença dessa patologia na nossa sociedade, e com a Pandemia do Covid-19 os casos dessa doença só aumentaram, segundo dados da OMS de 2021, estima-se que mais de trezentos milhões de pessoas no mundo todo sofrem de depressão. Sendo assim, é imprescindível o alerta para com esse mal que vem se alastrando no nosso cotidiano cada vez mais e em alguns casos de forma letal, atingindo desde crianças até os mais anciãos, sendo preciso um olhar mais delicado e dedicado para essa triste realidade.

***MELANCHOLY IS DRY BY THE EARTH AND COLD BY THE WATER:
the discourses on melancholy in the philosophical writings of Ramon Llull (1232-1316)***

ABSTRACT

The work is based on understanding what is called melancholy during the medieval period through the speeches of the Catalan philosopher Ramon Llull. However, for this to happen, it is important to understand the context in which the philosopher was inserted, and what was happening in that period in the Kingdom of Mallorca. Furthermore, it is necessary to go back a little in history to analyze the so-called theory of the four humors that is present in Llull's writings, and which emerged in Antiquity. However, we will still seek to analyze melancholy from the point of view of an institution with great power during the Middle Ages, that is, the Church. In addition, we will seek to understand the connection of the melancholic being to the planet saturn. However, we will use works by several scholars, from antiquity to the most modern, so that we can understand the theme of the present research through different analyzes, in addition to using these resources to conclude the familiarity of melancholy with depression, since both are closely linked.

Keywords: Melancholy; Ramon Llull; Black Bile; Medieval.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES:

HIPÓCRATES. **Aforismos de Hipócrates en latín y castellano**. Trad. García Suelto. 7. ed. Barcelona: Editorial Pubul, 1923.

RAMON LLULL. Doutrina para crianças (c. 1274-1276) (trad.: Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III [Felipe Dias de Souza, Revson Ost e Tatyana Nunes Lemos]). Alicante: e-Editorial IVITRA, 2010.

_____. **Escritos Antiaverroístas (1309-1311) – Do nascimento do Menino Jesus / Livro da Lamentação da Filosofia**. Tradução para o português: Brasília Bernardete Rosson, Sérgio Alcides e Ronald Polito,. Vol IV. Porto Alegre: Edipucrs. 2001.

_____. Nova Edición de les obres de Ramon Llull. Volum V. Començaments de Medicina. Tractat d'Astronomia (a cura de Lola Badia). Palma: Patronat Ramon Llull, 2002.

OBRAS BIBLIOGRÁFICAS:

A TEORIA HUMORAL DE HIPÓCRATES. **A mente é maravilhosa**, 2020. Disponível em: < <https://amenteemaravilhosa.com.br/teoria-humoral-de-hipocrates/> >. Acesso em: 24 de março de 2022.

BASTIDE, Roger. **Sociologia das doenças mentais**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

BONNER, Anthony i BADIA, Lola. **Ramon Llull: Vida, pensamento i obra literária**. Barcelona: Editorial Empúries, 1991.

BURTON, Robert. **A Anatomia da Melancolia**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

CHAUÍ-BERLINCK, L. Melancolia e Contemporaneidade. **Cadernos Espinosanos**, [S. l.], n. 18, p. 39-52, 2008. DOI: 10.11606/issn.2447-9012.espinosa.2008.89331. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/view/89331>. Acesso em: 26 mar. 2022.

CORDÁS, T. A. **Depressão: da bile negra aos neurotransmissores**. Uma introdução histórica. São Paulo: Lemos Editorial, 2002.

DA COSTA, Ricardo. A Melancolia na filosofia de Ramon Llull (1232-1316). IN: FREITAS, Verlaïne, COSTA, Rachel, FERREIRA, Debora Pazetto (orgs.). **O trágico, o sublime e a melancolia. Volume 3**. Belo Horizonte: ABRE – Associação Brasileira de Estética, 2016, p. 192-206.

DA COSTA, Ricardo. Maiorca e Aragão no tempo de Ramon Llull (1250-1300). **Mirabilia**, Barcelona, Esp. V. 1, p. 163-172. 2001.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente (1300-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DEPRESSÃO E MELANCOLIA: CONCEITOS E DIFERENÇAS NA PSICANÁLISE. **Psicanálise clínica**, 2021. Disponível em: < <https://www.psicanaliseclinica.com/depressao-e-melancolia/> >. Acesso em: 05 de maio de 2022.

DEPRESSÃO MELÁNCOLICA E DEPRESSÃO ATÍPICA: ASPECTOS CLÍNICOS E PSICODINÂMICOS. **SciELO Brasil**, 2007. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/fcxL6kWb45WbwQwWBnfPzkp/?lang=pt> >. Acesso em: 11 de maio de 2022.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. São Paulo: CosacNaif, 2012.

JACQUART, Danielle. A medicina medieval posta à prova. IN: **As doenças têm história**, coord. de Jacques Le Goff. Lisboa: Terramar, 1997.

KRISTEVA, Julia. **Sol Negro: Depressão e Melancolia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2º ed., 1989.

LAMBOTTE, M.-C. (2007). **La mélancolie**. Études cliniques. Paris: Economica Anthropolos

LAMBOTTE, M.-C. **O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia**. Rio Janeiro-RJ: Companhia de Freud, 1997.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. 6ªed. Rio de Janeiro: Jose Olímpio, 2014.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LLINARÈS, Armand. **Ramon Llull**. Barcelona: Edicions 62, 1987.

LOURENÇO, Eduardo. Portugal como destino! Mitologia da saudade. Lisboa, Gradiva, 1999.

MATEUS, Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio. **Ramon Llull e a Idade Média**. 2018. 44 p. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2018.

MOREIRA, José Cristiano Mansur. Raimundo Lúlio e o diálogo inter-religioso medieval (século XIII). **Revista Chilena de Estudios Medievales**. V. 16, p. 52-58, 19 jul. 2019.

OMS ESTIMA QUE MAIS DE 300 MILHÕES DE PESSOAS NO MUNDO TÊM DEPRESSÃO. **Repórter Brasil**, Tv Brasil, 8 de outubro de 2021. Disponível em: < <https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-brasil/2021/10/oms-estima-que-mais-de-300-milhoes-de-pessoas-no-mundo-tem-depressao> >. Acesso em: 15 de maio de 2022.

PINHEIRO, Marcos Jorge dos Santos. O pensamento bélico-mistagógico no tempo de Ramon Llull. **Revista Ensaios de História**. V. XXI, n. 1, p. 106-121, 2020.

PORTER, Roy. A História do Corpo. In. BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. P. 297-333.

POUCHELLE, Marie-Christine. Medicina. In. LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. II. Bauru, SP: Edusc, 2006. p. 151-165.

REIS, Jaime Estevão dos; RIBEIRO, Luiz Augusto Oliveira. AS CRÔNICAS MEDIEVAIS COMO FONTE DE PESQUISA: UMA ANÁLISE COMPARADA DE DUAS EDIÇÕES DA CRÔNICA DE ALFONSO X. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 226-245, 11 jun. 2017.

SATURNO E A MELANCOLIA NA ASTROLOGIA. **Mega astrologia**, 2009. Disponível em: < <https://megastrologia.com/2009/09/saturno-e-melancolia-na-astrologia/> >. Acesso em: 01 de abril de 2022.

SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e Alma. In. LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. I. Bauru, SP: Edusc, 2006. p. 253-267.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos: A melancolia Europeia chega ao Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOLOMON, A. O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão. Tradução M. Campello. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

STAROBINSKI, Jean. **A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza**. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média**. São Paulo: EDUSC, 1999.